

Cartas a um velho colega – II

Meu caro Carlos Augusto

Conforme prometi, volto a tocar no assunto de nossa conversa em plena Avenida Paulista.

Confesso que fiquei preocupado com o que escrevi outro dia. Ao reler a cópia da carta, fiquei temeroso de haver barratinado a sua cabeça com tantas indagações. Afinal – pelo menos isso se passou comigo – a idéia de casamento nunca me causou preocupação alguma. Digo no que se refere ao conceito intelectual ou se você quiser a instituição como tal, em abstrato.

Claro que o problema de ser feliz no casamento sempre rodou a nossa cabeça. Ainda mais com tantos casamentos fracassados que a gente conhece. E ocorrem, cada dia, com mais freqüência. Mas isso diz respeito à vida concreta, à realidade de todos os dias. Mas no que se refere a idéia, ao conceito, à noção de matrimônio isso não ocorria: era uma instituição a que todos nós (ou quase todos, pois o nosso colega Paulo quis ser padre) estávamos destinados: o casamento era o lugar para encontrar o amor de nossa vida e com ele conviver, ter um lar, uma família, etc.

Desculpe a minha mania de colocar indagações: mas será que o casamento é só isso? Será que ele não terá um significado mais profundo? Será que ele não propicia a vivência de valores mais ricos e existenciais do que uma simples visão burguesa?

Pois foi isso que aprendi muito tempo depois de ter saído do nosso colégio. E até mesmo da Faculdade. E até de já estar casado – e muito feliz – coisa de 3 anos, com dois filhos. Isso quando chamaram, minha mulher e eu, para entrarmos nas Equipes de Nossa Senhora.

É essa minha experiência que eu gostaria de compartilhar com vocês, como combinamos lá no burburinho da Avenida Paulista.

Como soube que você vai viajar a serviço da empresa, quando voltar avise-me. Se possível responda-me por carta ou telefone.

Boa viagem é o que lhe deseja o colega.

Luiz Marcello Azevedo.